

“Esta novela está ficando comprida demais e está na hora de resolver”

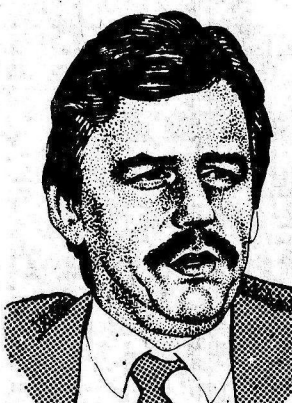
por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

“Esta novela está ficando comprida demais e, pelo meu gosto, está na hora de resolver.” A frase é do presidente do Branco Central (BC), Fernando Milliet de Oliveira, ao ser indagado ontem por este jornal a respeito do complicado cenário das negociações em torno da dívida externa com os bancos credores.

Milliet não escondeu sua irritação pelo que considera uma demora demasiada da parte dos bancos em chegar a um entendimento sobre o depósito de parte dos juros retidos em um banco internacional e que seria, conforme proposta feita pelo governo norte-americano, a maneira de contornar a reclassificação dos créditos que os bancos dos Estados Unidos têm junto ao Brasil.

“Consegue-se fazer uma grande complicação em torno de detalhes”, reclamou o presidente do BC, referindo-se a posição dos credores externos. Ao ser indagado a respeito do tipo de detalhe que estaria, efetivamente, emperrando os entendimentos, citou como exemplo a questão da remuneração do próprio depósito.

Além disso, não existia, ontem à noite, nenhuma definição com vistas a resolver o problema da resistência dos pequenos bancos credores que não aceitam contribuir com a parte que lhes cabe para o referido depósito. A proposta em discussão previa que um total de US\$ 1,5 bilhão fosse depositado ou no Bank of International Settlements (BIS), banco central dos bancos centrais, localizado na Basileia, na Suíça, ou no Federal Reserve de Nova York, até o final deste mês, sendo que o Brasil entraria com cerca de US\$ 500 milhões e



Fernando Milliet

os bancos com o restante US\$ 1 bilhão.

O presidente do BC, que falou a este jornal — portanto, depois de ter estado com o presidente Sarney no Palácio do Planalto, acompanhando o ministro da Fazenda — em torno das 20h30, disse que até aquele momento o governo brasileiro não havia tomado a decisão de interromper as negociações e fazer retornar ao País a missão que se encontrava nos Estados Unidos, encabeçada pelo assessor especial do ministro da Fazenda, Fernão Bracher. Mas também não descartou totalmente esta possibilidade: “A missão continua lá fora, se as coisas se resolverem logo.” Indagado sobre a possibilidade de os bancos estarem reticentes em firmar qualquer compromisso com o Brasil devido a apreensões sobre a situação política interna do País — onde a Constituinte sofre pressões e não há definição sobre o mandato do presidente nem sobre o sistema de governo —, Milliet disse o seguinte: “Acho que quem entrou em uma negociação como financiador de países em desenvolvimento tem que ter a visão de longo prazo, a despeito de situações que possam estar ocorrendo aqui ou ali”.